Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP
Data 28/4/2000 Pg A2
Class. 1895

JOÃO MELLÃO NETO

# *Exemplo de mau exemplo*

Recebi esta semana uma carta muito amável, de uma senhora de nome Juliana. Ela me faz uma instigante pergunta: o que, ao meu ver, significa *dignidade*?

Olha, Juliana – permita-me chamá-la assim –, eu poderia, comodamente, recorrer ao dicionário. No *Aurélio*, dignidade define-se em três sentidos: 1) honestidade, autoridade moral, honra e respeitabilidade; 2) decência, decoro; 3) brio, respeito a si mesmo; amor-próprio, etc. Mas isso é o bastante para definir dignidade?

É na vida pública, Juliana, que a dignidade de um homem é testada ao limite. Concordo com tudo o que reza o dicionário, mas arriscaria ir além:

■ Dignidade não é somente ser sincero com os outros. É, sobretudo, ser sincero consigo mesmo.

■ Dignidade é agir com lealdade em relação aos amigos, principalmente em circunstâncias em que renegá-los ou manter-se omisso forem atitudes muito mais vantajosas.

■ Dignidade não é apenas acreditar-se possuidor de sólidos princípios morais e éticos. É preciso também viver e comportar-se de acordo com eles.

■ Dignidade é saber que a honra não é negociável: ou ela não tem preço ou o seu preço acabará por ser o de mercado.

■ Dignidade é ter amor-próprio o suficiente para abster-se tanto de adular os poderosos quanto de maltratar os mais humildes.

■ Dignidade é jamais se prevalecer de alguém, em razão de sua fraqueza, ingenuidade, ignorância ou boa-fé.

■ Dignidade, enfim, é jamais transigir com essa convicção.

**Na iminência da demissão, o sr. Marés aproveitou a atenção da mídia para sair atirando**

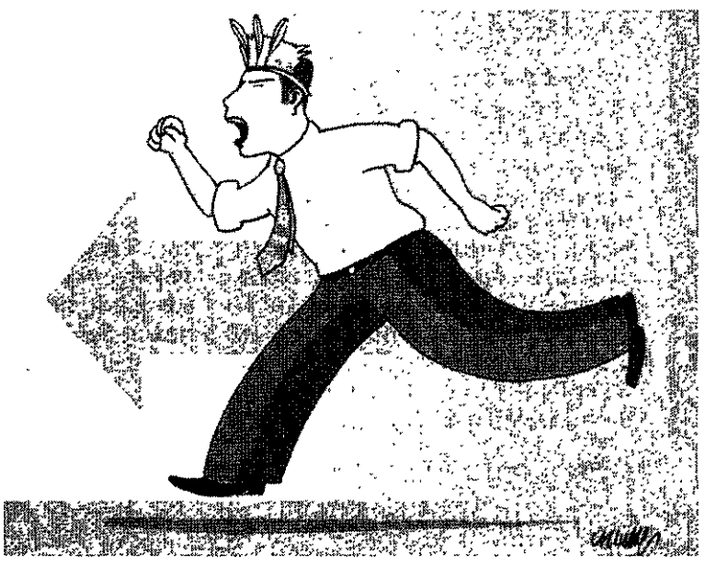
Não tenho certeza, minha cara Juliana, de que esse esboço lhe venha a ser útil. Trata-se de algo muito abstrato, não é mesmo? Pois, então, vou valer-me de um exemplo concreto e recente. Embora o personagem seja uma figura menor na vida pública brasileira, seu desempenho, na festa dos 500 anos, foi brilhante. Mesmo enfrentando concorrentes do porte de um MST, ele acabou arrebatando o "Troféu Porto Seguro da Indignidade".

Trata-se do sr. Carlos Marés de Souza Filho, então presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai). Tenho acompanhado com certa curiosidade a sua carreira desde o absurdo episódio em que demitiu, por fax, o mundialmente reconhecido indigenista Orlando Villas-Bôas.

Trata-se de um tipo daqueles "Elvis não morreu", ou seja, um sujeito que insiste em continuar vivendo nos anos 50. Militante, à época, da "Juventude Comunista", o sr. Marés continua falando e raciocinando como tal. Estaria naturalmente condenado ao anonimato, não fosse o ex-ministro da Justiça, José Carlos Dias, ter ido buscá-lo no Sul e, não se sabe por qual critério (notório conhecimento é que não foi), nomeá-lo presidente da Funai.

A demissão de Villas-Bôas não se deu por razões pessoais e foi efetuada em cumprimento à lei (é vedado ao servidor perceber simultaneamente pensão e salário). Foi nesse episódio que o sr. Marés se tornou nacionalmente conhecido e ganhou o primeiro ponto em direção ao merecido troféu.

De duas, uma: ou Marés sabia que estava demitindo Villas-Bôas e consumou o ato para bancar o "durão" ou, como a demissão se deu por fax, ele simplesmente mandou listar todos servidores em situação ilegal e foi assinando as demissões sem sequer ler os nomes. A segunda hipótese demonstra, no mínimo, displicência e falta de tato político. A primeira é ainda mais grave: se Orlando Villas-Bôas, por força de lei, tinha de ser demitido, o mais sensato e leal a fazer seria, antes, comunicar o fato ao seu superior, o ministro, que o levaria ao presidente, que teria tempo para encontrar uma saída honrosa para o indigenista. O sr. Marés não fez nada disso e deixou o governo em situação altamente constrangedora.



O segundo episódio se deu no dia em que o ministro José Carlos Dias deixou o governo. Ora, por ser o sr. Marés um funcionário de confiança, nomeado exclusivamente em razão de sua amizade com o ministro, reza a ética política que ele deveria imediatamente demitir-se, em solidariedade. O sr. Marés fingiu que não era com ele e permaneceu no cargo, como se nada tivesse ocorrido.

Mas o ponto culminante de sua "carreira" foi a festa de Porto Seguro. Havia mais de dez dias que corriam sérios rumores de que, sem José Carlos Dias, não havia por que manter o sr. Marés no cargo. Sua demissão era iminente e ele, mais do que ninguém, sabia disso. Procurando um jeito de sair por cima, travestiu-se de índio e, surpreendentemente, tornou-se o mais carbonário dos contestadores ao berrar para as câmeras de TV que iria pedir demissão em protesto contra o tratamento dado aos índios...

Não bastasse isso, o sr. Marés, aproveitando-se dos seus últimos momentos de mídia, acusou o governo, entre outras coisas de fascista, racista e ditatorial.

Ué, se o governo é tudo isso, como afirma, por que aceitou participar dele? Por causa da amizade com o ex-ministro é que não foi, uma vez que, mesmo este exonerado, ele insistiu em permanecer no cargo.

Dá para entender agora, Juliana, ao menos o que não é dignidade?...

■ *João Mellão Neto, jornalista, é editorialista do Estado*
*E-mail: jmellao@sti.com.br*